

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – PUC GOIÁS
ESCOLA DE GESTÃO E DE NEGÓCIOS - EGN
COORDENAÇÃO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS - ECO

FERNANDO DA COSTA SCHNEIDER

VARIAÇÃO DO ÍNDICE IBOVESPA NO ANO DE 2008

Goiânia
2020

FERNANDO DA COSTA SCHNEIDER

VARIAÇÃO DO INDÍCE IBOVESPA NO ANO DE 2008

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Econômicas da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Economia.

Orientador: Prof. Ms. Miguel Rosa dos Santos.

Goiânia

2020



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE GESTÃO E DE NEGÓCIOS
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

FERNANDO DA COSTA SCHNEIDER

2017.1.0021.0097-0

VARIAÇÃO NO ÍNDICE IBOVESPA 2008

Monografia apresentada como pré-requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Econômicas da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, submetida à aprovação da banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Orientador: Prof. Ms. Miguel Rosa dos Santos

Membro: Prof. Ms. Edilson Gonçalves de Aguiar

Membro: Prof. Dr. Jeferson de Castro Vieira

Goiânia - Goiás
Data da Aprovação: 08/12/2020

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente aos meus pais.

A minha instituição Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC-GO).

Aos meus professores.

Ao meu orientador, Prof. Ms. Miguel Rosa dos Santos.

Aos amigos da faculdade, pois foram 04 anos de luta e sabedoria.

Agradeço a cada segundo que invisto na busca pelo conhecimento. Que isto seja apenas o começo de uma fase cada vez mais próspera.

“A economia é uma virtude distributiva e consiste não apenas em poupar, mas em escolher.”

Edmund Burke

RESUMO

Esta monografia analisa a variação do índice IBOVESPA no ano de 2008. Foi definido como objetivo geral: avaliar, no período da crise do subprime em 2008 nos Estados Unidos, a influência da volatilidade dos preços da BOVESPA. O seguinte questionamento será abordado: quais os motivos levaram a variação negativa do índice BOVESPA no período de 2008. Foi considerada a hipótese de que a quebra de um banco nos EUA, levasse o Brasil para uma crise. Inicialmente, será abordado a história da Bolsa de Valores no mundo. Dando sequência, será mostrado como funciona o índice IBOVESPA no Brasil. Finalizando, será analisado a crise de 2008 nos EUA e como ela influenciou no índice Bovespa.

Palavras-chaves: Bolsa de Valores. Crise de 2008. Variação do IBOVESPA.

LISTA DE SIGLAS

BRF – Brasil *Foods*

BVRJ – Bolsa de Valores do Rio de Janeiro

CDO – Obrigação de Dívida Colateralizada

ECO – Curso de Ciências Econômicas

EGN – Escola de Gestão e Negócios

EUA – Estados Unidos da América

FED – *Federal Reserve Board*

FMI – Fundo Monetário Internacional

IBOVESPA – Índice de Bolsa de Valores de São Paulo

IPCA – Índice de Preços ao Consumidor Amplo

IPO – *Initial Public Offering*

NASDAQ – *National Association of Securities Dealers Automated Quotations*

NYSE - *The New York Stock Exchange*

PIB – Produto Interno Bruto

PUC GOIÁS – Pontifícia Universidade Católica de Goiás

SELIC – Sistema Especial de Liquidação e de Custódia

VCP – Aeroporto Internacional de Vira Copos

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01 - Evolução do IBOVESPA de julho de 1994 a julho de 2018.....	21
Gráfico 02 - Índice Bovespa de 1998 a 2009.....	25
Gráfico 03 - Ações da Lehman Brothers 1992-2008.....	27

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1- HISTÓRIA DA BOLSA DE VALORES NO MUNDO	13
1.1- História Da Bolsa De Valores Nos Estados Unidos da América (EUA).....	13
1.2- História Da Bolsa De Valores no Brasil.....	16
2- ÍNDICE IBOVESPA NO BRASIL.....	19
2.1- Como Funciona o Índice BOVESPA.....	19
3- A CRISE DE 2008 NOS EUA E SUA INFLUÊNCIA NO ÍNDICE BOVESPA... 	22
3.1- Causas Da Crise De 2008 Nos EUA.....	22
3.2- Como o Brasil se Recuperou da Crise de 2009.....	25
CONCLUSÃO.....	30
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	32

INTRODUÇÃO

Essa monografia analisará a variação da Bolsa de Valores no mundo, focando na Bovespa no Brasil. Segundo alguns historiadores, as atuais Bolsas de Valores nasceram na Roma antiga. Para outros, sua origem está na Grécia antiga, onde os comerciantes se reuniam nas maiores praças para tratar de negócios. O certo é que elas surgiram nas mais antigas civilizações, com atribuições bem diferentes das Bolsas de Valores de hoje (FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS, 2020, *online*).

A origem da palavra Bolsa de Valores - em seu sentido comercial e financeiro - está, para muitos, na cidade de Bugres, na Bélgica. O seu nome viria de Van der Burse, proprietário da casa onde se reuniam normalmente, alguns comerciantes para realização de negócios.

Em 1141, Luís XII instalou a Bourse de Paris. Em 1698, era criada a Bolsa de Valores de Fundos Públicos de Londres. A Bolsa de Valores de Nova Iorque surgiria em 1792. Apesar disso, o número de sociedades por ações era mínimo no século XVIII, limitando-se àquelas existentes à compra e venda de moedas, letras de câmbio e metais preciosos. A Suíça, por exemplo, só fundou a sua primeira Bolsa de Valores, em 1850, em Genebra. Somente 20 anos depois foi criada a Bolsa de Valores de Zurique, organizada sob a inspiração da Associação Livre de Mercadorias e Industrial da cidade.

A Bolsa de Valores do Rio de Janeiro (BVRJ) é a mais antiga do Brasil e a palavra corretor foi mencionada pela primeira vez na Lei nº 317, de 21 de outubro de 1843. Em 23 de agosto de 1890 é fundada por Emílio Rangel Pestana a Bolsa Livre, que seria o embrião da Bolsa de Valores de São Paulo.

A Bolsa Livre fecha em 1891 em decorrência da política do Encilhamento.

Quatro anos depois, em 1895, é aberta a Bolsa de Fundos Públicos de São Paulo que dá continuidade à evolução do mercado de capitais brasileiro (VEJA, 2014, *online*).

No ano de 1934, a bolsa se instala no Palácio do Café, localizado no Pátio do Colégio. No ano seguinte seu nome muda para Bolsa Oficial de Valores de São Paulo.

A Bolsa de Valores é importante para a economia do país porque ela fomenta o reinvestimento do capital dos indivíduos e das empresas na economia e, ao fazer isso também: proporciona a geração de emprego; investimentos de recursos na economia do país; as empresas melhoram suas práticas de gestão de transparência e governança, pois devem se enquadrar nas regras do mercado financeiro; acontece a alavancagem empresarial, onde as empresas podem crescer contando com novos sócios; e abertura de participação societária para pequenos investidores, fazendo com que todas as pessoas interessadas possam participar de grandes empreendimentos.

E, ao estimular o crescimento das empresas no país, ocorre o reinvestimento da empresa também, como aumento de produção, maquinário e aumento da geração da receita que volta ao acionista como dividendos, bonificação ou juros sobre capital próprio.

A grande maioria das pessoas técnicas ou não, de todas as classes sociais no Brasil, desconhecem o objetivo e o funcionamento das Bolsas de Valores. Quando muito, ouvem no final dos noticiários televisivos, escritos e radiofônicos, os índices das principais Bolsa de Valores do país, a saber, Bovespa e BVRJ. Com valores percentuais que indicam, apenas para poucos que necessitam dessas informações, qual foi o resultado das suas aplicações financeiras. Assim, opiniões políticas à parte, as Bolsas de Valores são o símbolo das economias capitalistas.

Neste contexto, a presente monografia tem por objetivo geral: avaliar, no período da crise do subprime em 2008 nos Estados Unidos, a influência da volatilidade dos preços futuros da BOVESPA sobre os seguintes índices: Índice da Bolsa de Valores de São Paulo (IBOVESPA), *National Association of Securities Dealers Automated Quotations* (NASDAQ) e *The New York Stock Exchange* (NYSE). Enquanto que, o objetivo específico dessa monografia é mostrar a variação do índice BOVESPA no período de 2008 até tempo atuais por conta de uma crise que aconteceu no ano de 2008 nos Estados Unidos.

Sob este ponto de vista, o problema que norteia esta monografia trata-se do seguinte questionamento: quais os motivos levaram a variação negativa do índice Bovespa na crise do subprime de 2008?

Essa monografia terá a seguinte hipótese: com a quebra do Banco Lehman nos Estados Unidos, houve com isso um “efeito dominó”, levando todas as economias para uma crise econômica, inclusive a brasileira.

Quanto à metodologia será utilizado uma revisão bibliográfica, com uma pesquisa científica documental, de caráter qualitativa e quantitativa, onde serão consultados: livros, artigos, revistas, teses, sites especializados. Para isso, serão utilizados os métodos dedutivo e histórico.

Por fim, esta monografia terá três capítulos. No primeiro capítulo, será abordado a história da Bolsa de Valores nos Estados Unidos e no Brasil. No segundo capítulo será demonstrado o processo como funciona a Bolsa de Valores, em se tratando das compras, vendas e variação dos ativos. Finalizando, o terceiro capítulo analisará especificamente sobre a crise no ano de 2008 que aconteceu nos Estados Unidos e suas consequências negativas para a economia brasileira.

1 - HISTÓRIA DA BOLSA DE VALORES NO MUNDO

A primeira bolsa de valores do mundo provavelmente surgiu em 1487, em Bruges, na Bélgica, com a expansão comercial. Mais tarde, em 1531, seria criada a bolsa de Antuérpia, também na Bélgica, baseada na negociação de empréstimos e considerada a primeira bolsa oficial. As primeiras ações de que se tem notícia foram emitidas em 1602, na bolsa de Amsterdã, pela Companhia Holandesa das Índias Orientais, que na época monopolizava a colonização na Ásia. No Brasil, a primeira foi instalada no Rio de Janeiro, em 1845. Após, a BOVESPA foi criada em 1890 (RATIER et al. 2009).

1.1- História da Bolsa de Valores nos Estados Unidos - EUA

O New York Stock Exchange foi criado em 1792. A bolsa de valores nova-iorquina está localizada no distrito de Manhattan, na Wall Street, no centro financeiro da cidade. Na bolsa de valores são transacionadas ações das maiores empresas estadunidenses. Em 2006, a NYSE juntou-se à Euronext, formando assim o primeiro mercado de capitais pan-atlântico.

É considerada uma das mais famosas instituições financeiras da Cidade de Nova Iorque. É a maior bolsa de valores dos Estados Unidos e, juntamente com a NASDAQ e a American Exchange, uma das mais influentes do mundo. De 2002 a 2014 foi parte da NYSE Euronext (NYSE, 2013, *online*).

A primeira sede da Bolsa de Valores era uma sala alugada em 1792 por 200 dólares mensais, localizada no número 40 de Wall Street. Após a destruição do prédio pelo Grande Incêndio em Nova York, em 1835, mudou-se temporariamente em 1836, a New York Stock & Exchange Board. Mudou seu nome definitivamente para New York Stock Exchange.

O volume dos papéis negociados cresceu 600% nos anos entre 1896 e 1901. Com isso foi necessário um espaço maior para realizar os negócios e atender a um mercado em franca expansão (ALTMAN, 2012).

Oito arquitetos da cidade foram convidados para participar de uma competição de projetos para o novo edifício do NYSE. Finalmente foi escolhido um projeto de estilo neoclássico elaborado pelo arquiteto George Post. A demolição

do prédio da Bolsa da Broad Street e edifícios adjacentes começou em 10 de maio de 1901.

A Bolsa viveu a experiência de ter de interromper as operações algumas vezes, por exemplo, ao deflagrar a Primeira Guerra Mundial e no ataque terrorista de 11 de setembro de 2001. Em 20 de setembro de 1873 chegou a interromper seus trabalhos por dez dias em virtudes do Pânico de 1873. A “Quinta-Feira Negra” de 24 de outubro de 1929 assinalou o começo de uma nova ordenação na Bolsa de Nova York em que se implantou um novo sistema de prevenção de crashes.

Em 1934, foi registrada oficialmente como mercado nacional de títulos na Comissão de Títulos e Valores dos EUA. O comitê Governamental era o principal órgão até 1938 ocasião em que a Bolsa contratou seu primeiro presidente remunerado e criou um Conselho Diretivo composto por 33 membros.

A NYSE foi incorporada em 1971 como instituição não lucrativa, mas, logo em 1972, os membros de sua direção votaram por transforma-la em organização lucrativa, regulada por uma junta diretiva de 25 diretores. A nova cúpula passou a ser composta por um CEO, 12 diretores ditos representantes do interesse público e 12 representantes do mercado de títulos.

Hoje em dia, a NYSE é a segunda Bolsa de Valores do mundo, superada em 1996, quando o seu volume de transações foi ultrapassado pela NASDAQ, a Bolsa tecnologia dos EUA. Ambas são atualmente questionadas fortemente por diversos setores da sociedade norte americana por deterem excessivo poder sobre a economia e por acobertarem manobras financeiras irregulares.

Diferenças entre a NYSE e a NASDAQ: Como foi colocado, apesar da NYSE ser a maior bolsa de valores em termo de capitalização, ela acaba perdendo para a bolsa de NASDAQ em termos de volume de negociação. Isto é, ao se considerar o volume, em bilhões de dólares, diário de negociação dos ativos, ela fica atrás da NASDAQ.

Quanto à capitalização das empresas listadas, a primeira evidente diferença entre as bolsas NYSE e NASDAQ, a qual já foi tratada, diz respeito à capitalização de mercado de cada uma delas. Sendo que esse indicador demonstra a soma do valor de mercado das empresas listadas em cada uma dessas bolsas.

Curiosamente, a Bolsa de Nova York possui quase o dobro de capitalização que a NASDAQ, como pode ser observado a seguir: Capitalização NYSE: 21,3

trilhões de dólares; Capitalização NASDAQ: 11,0 trilhões de dólares (REIS, 2018, *online*).

Em relação custo de listagem, outra importante diferença entre as duas principais bolsas dos Estados Unidos diz respeito ao valor necessário para realizar a listagem de uma companhia. Ou seja, para uma empresa abrir seu capital por meio de um *Initial Public Offering* (IPO) E, nesse sentido, enquanto o custo de listagem na NASDAQ fica entre 50 e 75 mil dólares, o custo de realizar a listagem na NYSE pode chegar aos 500 mil dólares. Esta diferença, sem dúvida, impacta no número de empresas listadas em cada uma dessas bolsas.

Outra diferença diz respeito ao número de empresas listadas. Por mais que a bolsa de Nova York tenha sido criada muito antes da NASDAQ (1792 para a primeira e 1971 para a segunda), a NYSE acaba ficando para trás no que se refere ao número de empresas listadas. Uma das causas desse fenômeno é, claro, a discrepância entre o custo de listagem em cada uma delas.

Por fim, o número aproximado de empresas negociadas em cada uma dessas bolsas é: NYSE: cerca de 2.400 empresas; NASDAQ: cerca de 3.800 empresas.

Quanto aos setores das empresas listadas, outra importante diferença entre as duas principais bolsas dos EUA diz respeito aos principais setores das companhias listadas. Nesse sentido, enquanto a NYSE comporta companhias de setores tradicionais, a NASDAQ fica com aquelas empresas de ramos mais inovadores, principalmente da área da tecnologia. Os principais setores da economia das empresas listadas nessas duas bolsas são: NYSE: bancos, petrolíferas, mineradoras; NASDAQ: tecnologia, internet.

Por último, outra importante diferença entre as duas bolsas se refere ao nível de volatilidade nos mercados e à percepção de risco dos investidores. Em primeiro lugar, a NYSE se configura como uma bolsa menos volátil, em que os preços das ações variam com menos intensidade. Por outro lado, as ações da NASDAQ acabam sofrendo mais variações de preço ao longo do tempo – tanto para baixo quanto para cima.

A principal justificativa para isso é embasada no fato de que as empresas dessa última bolsa são mais recentes e menos consolidadas. Portanto, eventos negativos e positivos para o mercado são mais sensíveis para a variação do preço das ações dessas companhias listadas na NASDAQ.

É por isso que há, também, uma maior percepção de risco para as empresas listadas nessa bolsa em relação às companhias de capital aberto da NYSE. Afinal, as empresas negociadas na bolsa de Nova York, na maioria das vezes, estão listadas há várias décadas e já passaram pelo teste do tempo. Em outras palavras, são mais tradicionais, estáveis e menos arriscadas.

Ao pesquisar mais sobre a Bolsa de Nova York, muitos se lembram de datas importantes da NYSE que aconteceram durante a sua existência. Afinal, por ter mais de 200 anos, a NYSE atravessou diversos momentos icônicos e que tiveram grande impacto na economia norte-americana e mundial, como: Crise de 1929; Segunda Guerra Mundial; Bolha da Internet dos anos 2000; Crise de 2008; Crise do Novo Coronavírus.

1.2 - História da Bolsa de Valores no Brasil

Em 23 de agosto de 1890, o então presidente Emílio Rangel Pestana fundou a Bolsa Livre. Esse seria um rascunho, é o começo da história da bolsa hoje, consideradas as devidas proporções. A política do encilhamento, um plano econômico infeliz de Ruy Barbosa, no entanto, causou grande crise de crédito e, no fim das contas, a Bolsa Livre fechou as portas em 1891.

Depois dessa derrota para a então nascente bolsa de valores brasileira, quatro anos depois, em 1895, nascia a Bolsa de Fundos Públicos de São Paulo. Finalmente, 40 anos depois, ela foi transferida para o Palácio do Café, no Pátio do Colégio, no Centro da capital paulista. Foi justamente em 1935 que ela passou a se chamar Bolsa Oficial de Valores de São Paulo (BLOG OS MELHORES INVESTIMENTOS, 2020, *online*).

Demoraria mais 32 anos, em 1967, para passar a se chamar de Bovespa, a Bolsa de Valores de São Paulo. Mas, como explicado no início do texto, a Bovespa não era a única bolsa do Brasil naquela época. No início da década de 60, havia uma bolsa de valores por estado. Eram controladas pelas respectivas secretarias estaduais de finanças e eram entidades oficiais corporativas. Mas, em meados, de 1965, todas elas se desvincularam da coisa pública e passaram a ser associações civis sem fins lucrativos: estavam por conta própria, regulando-se com autonomia financeira e administrativa.

Outro fato marcante: chega a ser difícil imaginar a B3 (Brasil, Bolsa, Balcão) sem ter a importância que hoje tem. Mas durante muito tempo, ela não era a mais importante do país. Na verdade, esse posto era ocupado pela Bolsa de Valores do Rio de Janeiro. Durante a ditadura militar, houve a crise econômica de 1970 e a bolsa de São Paulo começou a ganhar destaque cada vez maior.

Foi em 2000, porém que as duas bolsas, do Rio e de São Paulo, trataram de iniciar a unificação das nove bolsas então ativas no Brasil. Além das duas: Minas-Espírito Santo, Brasília, do Extremo Sul, de Santos, da Bahia-Sergipe-Alagoas, de Pernambuco, da Paraíba, do Paraná e a Bolsa Regional.

Ficou acertado que a partir daí as ações seriam todas negociadas na Bovespa. Com a bolsa do Rio ficariam os títulos públicos, negociados eletronicamente a partir de então. A modernização, a partir daí, foi galopante. Na Bovespa, o pregão viva-voz acabou em 2005. Todos os negócios eram feitos através dos computadores, da internet.

Após todas as mudanças anteriores, em apenas quatro anos outras quatro modificações transformaram a Bovespa no que ela é atualmente. Em setembro de 2005 houve o fim do pregão viva-voz, tornando a bolsa totalmente eletrônica. No ano seguinte, iniciou-se o pregão eletrônico 100% doméstico, dando fim a toda aquela confusão de papéis e corretores ao telefone que foi por muito tempo símbolo do mercado financeiro.

O ano de 2007 foi marcado pela abertura de capital da Bovespa, que passou a ter suas ações negociadas também. E, finalmente, em 2008, foi celebrada a união com a Bolsa de Mercadorias e Futuros. A instituição passou a se chamar BM& FBovespa. Os contratos futuros ainda eram negociados no pregão viva-voz, mas isso acabou em 2009. Atualmente, todas as negociações da bolsa são eletrônicas.

Primeiro eram controladas pelo Mega Bolsa e, agora, pelo Puma (Plataforma Unificada Multiativo). Finalmente, em 2017, a BM&FBovespa se uniu à Cetip, criando-se assim B3. Curiosamente, o nome do principal índice da bolsa brasileira permanece o mesmo (Ibovespa – Índice Bovespa), pela popularidade e pelo reconhecimento da marca.

O histórico das diversas bolsas de valores brasileiras culminou na criação de uma instituição oficial na década de 2000. As nove instituições que estavam

ativas no país se fundiram exatamente na bolsa de valores de São Paulo (antiga Bovespa).

As décadas de 1990 e 2000 foram marcadas por importantes transformações no mercado financeiro do nosso país. Inclusive, o desenvolvimento das tecnologias online que tornaram a bolsa mais moderna e acessível — como o home broker.

Em 2005, todas as operações realizadas na bolsa de valores se tornaram eletrônicas e os pregões presenciais deixaram de existir. A Bovespa concentrava as operações com títulos privados e ações de companhias. Na época, ela já era considerada a maior bolsa de valores da América Latina — e 8ª maior instituição do mundo. Mas as transformações não pararam por aí. Em 2008, a Bovespa passou por outra fusão e mudou de nome mais uma vez.

Ela passou a se chamar BM&F Bovespa. Isso porque houve a união entre a Bovespa e a chamada Bolsa de Valores, Mercadorias e Futuros. Ela representava o ambiente onde se davam as negociações do mercado futuro (com commodities, por exemplo).

A nova fusão aumentou as atividades realizadas e enriqueceu a história da bolsa de valores de São Paulo: a BM&F Bovespa conquistou a 3ª posição como maior instituição do mundo, continuando a ser a principal da América Latina.

2 - ÍNDICE IBOVESPA

O Ibovespa é o índice que, basicamente, mede o desempenho das ações de empresas com grande volume de negociação na B3, a Bolsa de Valores oficial do Brasil, ambiente onde ocorre as transações do mercado acionário nacional. Em resumo, o índice é calculado por uma média de performance das ações mais negociadas nos últimos meses pela Bolsa. E quando se fala que o “Ibovespa subiu” quer dizer que as empresas do índice, em média, se valorizaram e que os investidores em geral estão mais otimistas (BLOG RICO, 2020; PEREIRA, 2009).

E o contrário também vale, afinal quando o Ibovespa cai, significa que o mercado está mais cauteloso, geralmente por causa de algum acontecimento noticiado. Como greve, problemas políticos, guerras, forças da natureza e etc.

O índice serve como um termômetro do mercado de valores mobiliários no Brasil. Ele funciona como uma média das cotações das ações levando em consideração o volume de negociação a cada 4 meses.

2.1- Como Funciona o Índice BOVESPA

O cálculo do Ibovespa é feito a partir do peso que a ação tem na carteira teórica e o valor de sua cotação no dia. É preciso multiplicar o peso da ação pela cotação para encontrar a contribuição daqueles ativos, em pontos, para a formação do índice. Por exemplo: o Índice BOVESPA.

Ao realizar essa operação com todas as ações da carteira, você vai encontrar o número de pontos do IBOVESPA. Os índices podem ser calculados por meio da seguinte fórmula:

$$\text{Índice (t)} = \text{Redutor Valor total da carteira} / \text{Redutor} = (\sum_{i=1}^n P_i(t) Q_i) / \alpha,$$

Onde:

Índice (t) = valor do índice no instante t ;

n = número total de ativos integrantes da carteira teórica do índice;

P_i (t) = último preço do ativo i no instante t ;

Q_i(t) = quantidade do ativo i na carteira teórica no instante t ;

αredutor utilizado para adequar o valor total da carteira ao valor de divulgação do índice.

Vale destacar que as cotações das ações são acompanhadas a todo momento e o cálculo é feito automaticamente a partir dos novos valores. Por isso, o Ibovespa oscila o tempo todo durante o funcionamento do mercado. Como foi dito, o Ibovespa é um indicador que mede o desempenho médio das principais ações da Bolsa de Valores. Nesse sentido, não é possível investir diretamente nele.

Além disso, tentar replicar sua carteira pode ser bastante complicado e caro, inviabilizando essa alternativa. Mas isso não quer dizer que você não pode aproveitar as movimentações do Índice Bovespa para ganhar dinheiro.

Se o Ibovespa está subindo, isso quer dizer que em média, as ações do mercado brasileiro também estão subindo. Cada ponto do índice equivale a R\$1 real, isso quer dizer que se o Ibovespa estiver cotado a 95 mil pontos, serão necessários R\$95 mil para replicar esse índice.

A Vale, Petrobrás e Itaú são as empresas com maiores participações no índice, as três somadas possuem mais de 30% de peso no Ibovespa. Essa carteira teórica é ajustada periodicamente (a cada 4 meses) para evitar que se ocorram distorções no índice Ibovespa.

Uma distorção, por exemplo, seria uma empresa possuir um peso maior no índice mesmo sendo não tão relevante no mercado. É possível acompanhar sua cotação no site da B3, mas atente-se que os dados possuem atraso de 15 minutos.

O índice é composto por diversas empresas que trabalham nos mais variados setores da economia. Logo, o índice pode ser afetado por inúmeros fatores relacionados a economia, política, ambiente, dentre outros. Por exemplo, se a economia brasileira está crescendo e se desenvolvendo, a tendência é que o Ibovespa suba. Por outro lado, se ocorre um escândalo de corrupção generalizado, a tendência é a cotação do Ibovespa caia. Por esse motivo que os investidores de bolsa de valores passam boa parte do dia se informando. Isso explica a volatilidade do mercado de ações.

É possível investir no índice. Ele é uma das maneiras mais fáceis de diversificar seus investimentos em ações. Esse índice é listado como BOVA11 nas corretoras, como a XP Investimentos, por exemplo:

O preço do BOVA11 está ligado à cotação do índice Ibovespa, se o índice está cotado a 90 mil pontos, o preço do BOVA11 será de aproximadamente R\$90,00.

Quem está começando a investir em ações, geralmente começa comprando BOVA11 para depois partir para compra de ações de uma empresa em específico. Isso acontece porque investir em índice é o caminho mais fácil para começar a participar do mercado de ações. O investidor começa a entender melhor os aspectos e a dinâmica desse mercado.

Foi feito um recorte de 5 anos até julho de 2018, para que se possa entender como o Ibovespa oscilou durante esse período, em que é possível ter um panorama de longo prazo do índice da Bolsa.

Gráfico 01 - Evolução do IBOVESPA de julho de 1994 a julho de 2018



Fonte: Site Minhas Economias

No Gráfico 01 mostra a variação do índice BOVESPA de julho de 1994 até julho de 2018. Vemos que por volta de 20 de maio de 2008 o índice estava em 73.517 pontos e foi para 29.435 no dia 27 de outubro de 2008.

Dando um breve histórico do Ibovespa, a Bolsa havia chegado em suas máximas, perto dos 120 mil pontos, do meio para o fim do ano de 2019, principalmente por causa do novo ambiente econômico que se instaurou no Brasil,

com os juros mais baixos da História e a reforma da Previdência puxando a frente da agenda de outras importantes reformas.

Porém, do fim de janeiro para o começo de fevereiro do ano de 2020, tudo veio água abaixo com a pandemia do coronavírus e, hoje, o Ibovespa negocia a cerca de 80 mil pontos.

3 - A CRISE DE 2008 NOS EUA E SUA INFLUÊNCIA NO ÍNDICE BOVESPA

3.1- Causas da crise de 2008 nos EUA

A crise financeira, que teve sua origem no mercado imobiliário norte-americano, em meados de 2007, envolveu economias desenvolvidas e em desenvolvimento de diferentes formas. A globalização comercial e financeira e a importância dos Estados Unidos na economia global fizeram com que a crise tomasse grandes proporções.

A crise financeira de 2008 foi considerada a maior crise desde a grande depressão de 1929. Seu surgimento, após o colapso da bolha imobiliária, foi alimentado pela expansão do crédito bancário e fortificado pela utilização de novos instrumentos financeiros. Intensificou-se no momento da falência do Banco de Investimento Lehman Brothers, no mês de setembro de 2008, após o *Federal Reserve Board* (FED) recusar socorrer a instituição.

O impacto sobre a confiança dos mercados financeiros foi intenso, rompendo com a ideia de que as autoridades monetárias dos Estados Unidos fossem socorrer todas as instituições financeiras afetadas pela bolha financeira. O pânico gerado entre as instituições financeiras resultou em um aumento de grande significância na preferência pela liquidez.

A procura pela liquidez destruiu o processo de venda de ativos em grande escala, ocasionando a queda nos preços dos ativos financeiros e a contração do crédito bancário, tanto para transações comerciais, como para industriais. Essa ocorrência ocasionou a queda na produção industrial e no comércio internacional de modo global.

O crédito fácil e a disseminação de um investimento "podre" pelo mundo todo estão na raiz da crise financeira de 2008. Por volta de 1998, os bancos dos Estados Unidos começaram a emprestar dinheiro a muita gente que não tinha como pagar. Mesmo quem estava desempregado e não tinha renda nem patrimônio conseguia ser aprovado pelo banco para receber um financiamento. E poderia dar a própria casa como garantia para vários empréstimos. Esse tipo de crédito era conhecido como "subprime" (de segunda linha). O volume de financiamentos desse tipo era gigantesco.

Os bancos passaram, então, a misturar essa dívida de alto risco (pouca chance de ser paga) com dívidas de baixo risco (de clientes com bom histórico de pagamento) e montar vários pacotes, as chamadas CDO (obrigações de dívida com garantia, em tradução livre). Eles vendiam as CDOs para investidores do mundo todo, sobretudo na Europa. Quando os norte-americanos que tomaram os empréstimos pagassem o valor devido, o dinheiro iria para quem comprou a CDO, com juros.

Os compradores eram levados a acreditar que estavam fazendo um ótimo negócio, porque os juros eram altos. Eles não sabiam exatamente que tipo de dívida havia dentro da CDO que estavam comprando, mas as agências de classificação de risco (Standard & Poor's, Fitch e Moody's), depois criticadas por seu papel na crise, garantiam que eram investimentos de alta qualidade. O problema é que os devedores não pagaram suas dívidas. Como essas dívidas estavam nas mãos de bancos e fundos de investimentos do mundo todo, houve um efeito dominó no mercado.

Em 15 setembro de 2008, marco da crise, um dos bancos de investimentos mais tradicionais dos Estados Unidos, o Lehman Brothers, foi à falência, e as Bolsas do mundo todo despencaram. A data ficou conhecida como segunda-feira negra. Em seguida, outros bancos anunciam perdas bilionárias. Foram meses de muita instabilidade no mercado. Para tentar evitar quebraadeiras em série, governos de vários países anunciam planos de socorro à economia, injetando bilhões em bancos.

As causas da crise de 2008 foram; liberação de crédito sem grandes exigências; queda na produtividade; falta de liquidez; aumento dos juros. Junto a isso, pode-se citar ainda a má avaliação das agências de classificação de riscos, que deram notas elevadas para o investimento de compra das conhecidas CDO vendidas pelos bancos norte-americanos.

Para se ter uma ideia do tamanho do rombo, as dívidas hipotecárias chegaram a atingir US\$ 12 trilhões. De olho no montante, inúmeros investidores sonharam em lucrar com a compra dos títulos. Além disso, a construção civil norte-americana teve um *boom* em razão da facilidade na conquista de créditos. O problema é que a bolha estourou e ninguém conseguiu administrar a inadimplência (STOODI, 2020).

Assim, os papéis da dívida comprados pelos investidores (títulos) já não tinham grandes garantias, ou seja, as promessas de altos ganhos endossadas pelas agências de classificação de riscos foram nocauteadas.

A consequência desse desastre econômico que colocou em xeque o capitalismo foi desemprego em massa, retração financeira internacional, principalmente na Europa. Com isso, houve o aumento da dívida pública externa por conta da necessidade de empréstimos junto ao Fundo Monetário Internacional (FMI). Somado a isso, outro fato que prejudicou a produtividade foi a queda no valor e nas demandas por commodities (matérias-primas que podem ser estocadas sem perda da qualidade). Uma delas é o petróleo.

Sendo o causador da crise financeira de 2008, os Estados Unidos foram palco da segunda maior quebra da história, ficando atrás somente da vivenciada em 1929, conhecida como a Grande Depressão.

Além da bolha imobiliária e dos índices elevadíssimos de inadimplência, o governo norte-americano estava desarmado financeiramente em razão dos gastos com as Guerras do Afeganistão, em 2001, e do Iraque, em 2003.

Antes de chegar a uma situação insustentável, o governo até tentou segurar a onda. Primeiramente, o governo de George W. Bush liberou ajuda financeira às instituições do setor hipotecário, bancos e seguradoras. No entanto, pressões políticas rejeitaram garantias para ajudar na compra do Lehman Brothers pelo banco inglês Barclays.

Com a falência, as ações entraram em queda livre nas bolsas de valores de todo o mundo. Houve pânico generalizado, desemprego, perdas de imóveis e uma freada brusca na produtividade da maior economia mundial.

Nos primeiros dias após a segunda-feira negra, as principais influências da crise de 2008 na economia brasileira foram na queda no valor das ações e aumento no preço do dólar. Em seguida, houve uma diminuição do crédito e redução dos investimentos internacionais. As expectativas de crescimento econômico também diminuíram, com previsões menos otimistas para o PIB, a soma de todas as riquezas do país. No entanto, os abalos foram bem menores em comparação aos países europeus, onde a população chegou a realizar protestos violentos, como na Grécia.

3.2 - Como o Brasil se recuperou da crise de 2008

O país inicialmente escapou do risco de contágio da crise de subprime que assolava os EUA. Em meio a uma política de subsídios, gastos governamentais e incentivo ao crédito, o Brasil registrou 7,5% de crescimento em 2010 - o maior ritmo em 24 anos (UCHOA, 2018, *online*).

Gráfico 02 – Índice Bovespa de 1998 a 2009



Fonte: Site Investpedia

Como mostra o Gráfico 02, vê-se que antes de 2008 tem um crescimento constante, depois tem uma queda brusca em 2008 e já em 2009 volta a crescer rápido. O Brasil se recuperou da crise global mais cedo e rapidamente que a maioria das outras economias e já teve um ano de forte crescimento. Afirmou o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Depois de suas consultas com o Governo brasileiro, a Diretoria Executiva do FMI indicou que "após uma contração acumulada de 4,8% no quarto trimestre de 2008 e no primeiro trimestre de 2009, a economia brasileira cresceu a uma taxa média anualizada de 8,9% nos quatro trimestres seguintes".

De acordo com os economistas do FMI, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil, que cresceu 5,1% em 2008 e se contraiu 0,2% em 2009, e em 2010 estimaram um crescimento de 7,1%. Sendo que em 2010 o PIB do Brasil foi um crescimento de 7,5%

Já o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA), que em 2008 subiu 5,7%, em 2009, 4,9%, e em 2010 um aumento de 5,4%. O déficit geral do

Governo, que em 2008 foi equivalente a 1,3% do PIB, cresceu 3,2% em 2009, e apenas 1,6% em 2010 (G1, 2010, *online*).

De acordo com o relatório do FMI "o sólido quadro macroeconômico do Brasil e as ações oportunas das autoridades foram cruciais para conter os efeitos negativos da crise mundial e lançaram os alicerces da recuperação".

Em seu Comunicado, a Diretoria Executiva do FMI se disse "satisfeita com a rápida recuperação da economia brasileira ao longo do último ano, que reflete a retomada do investimento doméstico, a solidez do consumo e a demanda externa maior do que prevista por commodities".

Segundo o organismo, a capacidade da economia brasileira para recuperar a solidez "deveu-se à força do seu sistema financeiro, bem como a uma combinação de responsabilidade fiscal, flexibilidade cambial e um sério compromisso com o regime de metas de inflação".

Para conter as pressões inflacionárias, nos últimos meses do ano de 2007, "o Banco Central elevou a taxa Selic para 10,75%", afirma o comunicado, que acrescenta que a entidade "também reverteu a maioria dos cortes nos recolhimentos compulsórios e as medidas de suporte à adequação de capital implementadas durante a crise".

Em 2008 houve uma forte queda nos indicadores de retorno, sendo que todos tiveram um retorno negativo nesse ano, isso devido ao prejuízo líquido médio apresentado por esse segmento, o retorno sobre o patrimônio líquido (RET PL) foi o que apresentou maior redução, ou seja, nesse ano os investidores do segmento amargaram perdas consideráveis em seus investimentos.

Contudo, houve uma recuperação rápida e em 2009 os resultados já foram melhores e os níveis de rentabilidade ficaram semelhantes aos de 2006 e 2007. Talvez isso possa ser explicado pelo desempenho econômico nacional, que pelas medidas adotadas pelo governo, influenciou em reduzir o impacto da crise como um todo.

Gráfico 03 – Ações da Lehman Brothers 1992-2008



Fonte: Site da Nyse

No Gráfico 03, é mostrado como foi o crescimento constante das ações do final do ano de 1999 até 2007. A partir do meio do ano de 2007 houve uma queda chegando até zero, no final de 2008. Conclui-se que afetou drasticamente a empresa.

“Eu acredito muito na livre iniciativa, por isso o meu instinto natural é se opor a intervenção do governo. Eu acredito que as empresas que tomam más decisões devem sair do mercado. Em circunstâncias normais, eu teria seguido esse curso. Mas estas não são circunstâncias normais. O mercado não está funcionando corretamente. Houve uma perda generalizada de confiança, e grandes setores do sistema financeiro da América estão em risco” (BALIEIRO, 2020, *online*).

Esse é um trecho de um discurso proferido pelo presidente americano George W. Bush, em 24 de setembro de 2008, enquanto anunciava o Programa de Alívio de Ativo Problemático. Esta foi uma polêmica medida que previa a liberação de 700 bilhões de dólares em ajuda para os bancos.

Além disso, os grandes bancos centrais ao redor do mundo lançaram programas de incentivo, injetando liquidez nos mercados, ou seja, aumentando o crédito para as pessoas e empresas, na tentativa de conter a crise.

Apesar disso, a crise se espalhou e atingiu empresas consideradas sólidas até o momento, como a General Motors e a Crysler. A renda coletiva das famílias norte-americanas teve uma queda de mais de 25% entre 2007 e 2008. O índice S&P 500, composto pelos ativos das 500 maiores empresas dos EUA listadas nas bolsas, caiu cerca de 45%. O desemprego subiu para 10,1%, maior percentual desde 1983.

Ao final, os bancos – principais responsáveis pela crise – mantiveram os grandes lucros que conseguiram nos tempos de bonança e, quando o prejuízo veio, este foi socializado para a população. Em geral, os países emergentes – dentre eles o Brasil – sentiram menos os efeitos da crise. Ainda, entretanto, houve de fato uma forte queda no índice BOVESPA – que mede o valor das ações negociadas na bolsa de valores do país – e um aumento no preço do dólar.

Isso porque os investidores ao redor do mundo estavam resgatando as aplicações devido à quebra de confiança no mercado. Assim, as expectativas de crescimento econômico foram reduzidas e em consequência houve redução nas previsões para o PIB do país.

Apesar do discurso otimista do presidente Lula e de um impacto menor do que o ocorrido nas economias americana e europeia, a crise teve um impacto significativo no país “lá (nos EUA), ela é um tsunami; aqui, se ela chegar, vai chegar uma marolinha que não dá nem para esquiara” (POLITIZE, 2020, *online*).

Apesar de no ano de 2008 o PIB nacional ter aumentado 5,2%, com o impacto da crise, em 2009, obteve uma retração de 0,3%. Ainda, a bolsa de valores, Bovespa, teve uma queda em 2008 de 4%, a maior desde a década de 70 (BALIEIRO, 2020).

Após esses acontecimentos, o governo viu que era necessário agir e baixou a taxa básica de juros, o Sistema Especial de Liquidação e de Custódia (SELIC), de 13,75% para 8,75% ao ano em 2009, diminuindo os juros pagos para empréstimos tanto de pessoas físicas quanto de empresas, com o objetivo de aumentar o dinheiro em circulação.

Além disso, diminuiu a alíquota de impostos (principalmente IPI) para produtos da linha branca, materiais de construção e automóveis e liberou bilhões de reais em depósitos compulsórios para os bancos, para aumentar a liquidez no mercado, ou seja, estimular a produção das indústrias e aumentar o dinheiro em circulação para que as pessoas consumissem mais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise financeira, que teve sua origem no mercado imobiliário norte-americano, em meados de 2007, envolveu economias desenvolvidas e em desenvolvimento de diferentes formas. A globalização comercial e financeira e a importância dos Estados Unidos na economia global fez com que a crise tomasse grandes proporções. A crise financeira de 2008 foi considerada a maior crise desde a Grande Depressão de 1929, acontecida também nos EUA.

Seu surgimento, após o colapso da bolha imobiliária, foi alimentado pela expansão do crédito bancário e fortificado pela utilização de novos instrumentos financeiros. Intensificando-se no momento da falência do Banco de Investimento Lehman Brothers, no mês de setembro de 2008, após o FED recusar socorrer a instituição. O impacto sobre a confiança dos mercados financeiros foi intenso, rompendo com a ideia de que as autoridades monetárias dos Estados Unidos fossem socorrer todas as instituições financeiras afetadas pela bolha financeira.

O pânico gerado entre as instituições financeiras resultou em um aumento de grande significância na preferência pela liquidez. A procura pela liquidez destruiu o processo de venda de ativos em grande escala, ocasionando a queda nos preços dos ativos financeiros e a contração do crédito bancário, tanto para transações comerciais, como para industriais. Essa ocorrência ocasionou a queda na produção industrial e no comércio internacional de modo global.

Considerando-se a globalização da economia mundial, de uma forma ou de outra, o mundo todo sofreu os efeitos da crise dos EUA de 2008. O quanto cada economia foi impactada, resultou de acordo com o grau de dependência externa da mesma. Os países que tem sua economia muito ligada às exportações de commodities certamente sofreram mais os reflexos da crise do que as economias pautadas em produtos de maior valor agregado e maior dinamismo da pauta de exportações.

Os motivos que o IBOVESPA teve essa flutuação muito alta foi um fator externo do índice que o afetou diretamente. Ocasionalmente uma variação negativa, uma baixa em pouco tempo. A quebra do Banco Lehman Brothers levou todas as economias mundiais juntas para o abismo. O que levou a isso tudo foi o alto

volume de crédito destinado ao setor imobiliário, mais conhecido como “subprime”. Isso levou a economia mundial a ruínas.

O objetivo geral dessa monografia foi mostrar como as economias são voláteis. Que isso são ciclos da economia. Uma hora está lá em cima outras como um fator externo pode cair muito, como foi visto.

Quanto o objetivo específico também foi respondido, uma vez que na abordagem feita da crise de 2008 nos EUA, afetou o índice BOVESPA.

O problema foi respondido nessa monografia. Pois, motivo foi uma alta dependência do Governo brasileiro com os EUA. Foi mostrado como tudo começou e concluiu-se como foi sua recuperação, focando no índice BOVESPA.

A hipótese foi confirmada de que crises em outros países, como essa nos EUA em 2008, teve um “efeito dominó”, afetando a economia de vários países, inclusive, a economia no Brasil.

Finalizando, assim ficou constatada a dependência de várias economias no mundo inteiro em relação à conjuntura Norte Americana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALTMAN, Max. **Hoje na história: 1792 – Acordo inaugura bolsa de valores de Nova York.** Opera Mundi, mai. 2012. Disponível em: <<https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/21884/hoje-na-historia-1792-acordo-inaugura-bolsa-de-valores-de-nova-york/>>. Acesso em: 18 nov. 2020.

BALIEIRO, Fabiana Pires e Silvia. **O mundo depois da crise de 2008.** Revista Época, nov. 2013. Disponível em: <[BLOG RICO. **Ibovespa. O que é, como funciona e dúvidas comuns.** 2020. Disponível em: <<https://blog.rico.com/vc/ibovespa/>>. Acesso em: 18 nov. 2020.](https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Visao/noticia/2013/09/o-mundo-depois-da-crise-de-2008.html#:~:text=%22Eu%20acredito%20muito%20na%20livre,eu%20teria%20seguido%20esse%20curso.&text=O%20mercado%20n%C3%A3o%20est%C3%A1%20funcionando%20corretamente/.>https://epocanegocios.globo.com/Informacao/Visao/noticia/2013/09/o-mundo-depois-da-crise-de-2008.html#:~:text=%22Eu%20acredito%20muito%20na%20livre,eu%20teria%20seguido%20esse%20curso.&text=O%20mercado%20n%C3%A3o%20est%C3%A1%20funcionando%20corretamente/.>>. Acesso em: 18 nov. 2020.</p>
</div>
<div data-bbox=)

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. **A origem da bolsa de valores.** 2020. Disponível em: http://ead2.fgv.br/ls5/centro_rec/pag/textos/a_origem_bolsa_valores_1.htm/. Acesso em: 18 nov. 2020.

G1. **Segundo o FMI, Brasil se recuperou mais rápido da crise econômica global.** ago. 2010. Disponível em: <[NYSE. **Bolsa de Valores de Nova York.** 2013. Disponível em: <<https://www.nyse.com/index/>>. Acesso em: 18 nov. 2020.](http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/08/segundo-o-fmi-brasil-se-recuperou-mais-rapido-da-crise-economica-global.html#:~:text=J%C3%A1%20o%20%C3%8Dndice%20de%20Pre%C3%A7os,1%2C6%25%20este%20ano/>http://g1.globo.com/mundo/noticia/2010/08/segundo-o-fmi-brasil-se-recuperou-mais-rapido-da-crise-economica-global.html#:~:text=J%C3%A1%20o%20%C3%8Dndice%20de%20Pre%C3%A7os,1%2C6%25%20este%20ano/>>. Acesso em: 18 nov. 2020.</p>
</div>
<div data-bbox=)

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. **A crise financeira.** Rev Econ Polit, São Paulo, v.29, n.1, jan/mar. 2009. Disponível em: <[RATIER, Rodrigo. **O que faz e como surgiu a bolsa de valores?** Nova escola, 2009. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/2388/o-que-faz-e-como-surgiu-a-bolsa-de->>](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572009000100008/>https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31572009000100008/>. Acesso em: 18 nov. 2020.</p>
</div>
<div data-bbox=)



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE GESTÃO E NEGÓCIOS
CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

MONOGRAFIA II: ACEITE DO ORIENTADOR

Goiânia, 08 de Dezembro de 2020.

ALUNO: FERNANDO DA COSTA SCHNEIDER

MATRÍCULA: 2017.1.0021.0097-0

ORIENTADOR: Prof. Ms. Miguel Rosa dos Santos Comum

TEMA: “Variação do Índice Ibovespa no ano de 2008”

À COORDENAÇÃO DO CURSO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS

Havendo acompanhado a elaboração da monografia II, com o Tema acima mencionado e tendo examinado a versão final, considero satisfatório o trabalho monográfico e julgo por bem encaminhá-lo à *Banca Examinadora*.

Orientei o aluno *Fernando da Costa Schneider*, para que inclua este *ACEITE* no exemplar final a ser enviado à Coordenação do Curso de Ciências Econômicas, no formato digital, conforme regras da ABNT para realização de Trabalhos de Final de Cursos.

O exemplar definitivo deverá conter na capa, os dizeres da folha de rosto e, na lombada, o título da monografia e o último sobrenome do autor.

Caso não sejam cumpridas essas e outras exigências institucionais, solicito que a Coordenação do Curso de Ciências Econômicas/*Coordenação de Monografia* notifique o aluno que a nota atribuída à Monografia não será considerada até que satisfaça essas determinações e não poderá colar grau até que as cumpram inteiramente.

Atenciosamente,

Prof. Ms. Miguel Rosa dos Santos

RESOLUÇÃO n°038/2020 — CEPE

ANEXO I

APÊNDICE ao TCC

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O estudante FERNANDO DA COSTA SCHNEIDER, do Curso de Ciência Económicas, matrícula: 2017.1.0021.0097-0, telefone: (62) 9-96705061, e-mail: femandoschneider12@hotmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado variação do índice BOVESPA no ano de 2008 gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 13 de dezembro de 2020.

Assinatura do autor: Fernando Da Costa Schneider

Nome completo do autor: Fernando da Costa Schneider

Assinatura do professor-orientador:



Nome completo do professor-orientador: Miguel Rosa dos Santos